

# Herberto Helder

## A Paixão Grega

Li algures que os gregos antigos não escreviam necrológios,  
quando alguém morria perguntavam apenas:  
tinha paixão?  
quando alguém morre também eu quero saber da qualidade da sua paixão:  
se tinha paixão pelas coisas gerais,  
água,  
música,  
pelo talento de algumas palavras para se moverem no caos,  
pelo corpo salvo dos seus precipícios com destino à glória,  
paixão pela paixão,  
tinha?  
e então indago de mim se eu próprio tenho paixão,  
se posso morrer gregamente,  
que paixão?  
os grandes animais selvagens extinguem-se na terra,  
os grandes poemas desaparecem nas grandes línguas que desaparecem,  
homens e mulheres perdem a aura  
na usura,  
na política,  
no comércio,  
na indústria,  
dedos conexos, há dedos que se inspiram nos objectos à espera,  
trémulos objectos entrando e saindo  
dos dez tão poucos dedos para tantos  
objectos do mundo  
e o que há assim no mundo que responda à pergunta grega,  
pode manter-se a paixão com fruta comida ainda viva,  
e fazer depois com sal grosso uma canção curtida pelas cicatrizes,  
palavra soprada a que forno com que fôlego,  
que alguém perguntasse: tinha paixão?  
afastem de mim a pimenta-do-reino, o gengibre, o cravo-da-índia,  
ponham muito alto a música e que eu dance,  
fluido, infindável,  
apanhado por toda a luz antiga e moderna,  
os cegos, os temperados, ah não, que ao menos me encontrasse a paixão  
e eu me perdesse nela  
a paixão grega.

## Fonte – I

Ela é a fonte. Eu posso saber que é  
a grande fonte  
em que todos pensaram. Quando no campo  
se procurava o trevo, ou em silêncio  
se esperava a noite,  
ou se ouvia algures na paz da terra  
o urdir do tempo ---  
cada um pensava na fonte. Era um manar  
secreto e pacífico.  
Uma coisa milagrosa que acontecia  
ocultamente.

Ninguém falava dela, porque  
era imensa. Mas todos a sabiam  
como a teta. Como o odre.  
Algo sorria dentro de nós.

Minhas irmãs faziam-se mulheres  
suavemente. Meu pai lia.  
Sorria dentro de mim uma aceitação  
do trevo, uma descoberta muito casta.  
Era a fonte.

Eu amava-a dolorosa e tranquilamente.  
A lua formava-se  
com uma ponta subtil de ferocidade,  
e a maçã tomava um princípio  
de esplendor.

Hoje o sexo desenhou-se. O pensamento  
perdeu-se e renasceu.  
Hoje sei permanentemente que ela  
é a fonte.  
Se houvesse degraus na terra...

Se houvesse degraus na terra e tivesse anéis o céu,  
eu subiria os degraus e aos anéis me prenderia.  
No céu podia tecer uma nuvem toda negra.  
E que nevasse, e chovesse, e houvesse luz nas montanhas,  
e à porta do meu amor o ouro se acumulasse.

Beijei uma boca vermelha e a minha boca tingiu-se,  
leveí um lenço à boca e o lenço fez-se vermelho.  
Fui lavá-lo na ribeira e a água tornou-se rubra,  
e a fimbria do mar, e o meio do mar,  
e vermelhas se volveram as asas da águia  
que desceu para beber,  
e metade do sol e a lua inteira se tornaram vermelhas.

Maldito seja quem atirou uma maçã para o outro mundo.  
Uma maçã, uma mantilha de ouro e uma espada de prata.  
Correram os rapazes à procura da espada,  
e as raparigas correram à procura da mantilha,  
e correram, correram as crianças à procura da maçã.

### **Sofocleto\***

«A vida não passa de uma oportunidade de encontro. Só depois da morte se dá a  
junção - os corpos têm o abraço, as almas têm o enlace.»

\*pseudónimo do poeta peruano Luis Felipe Algell